

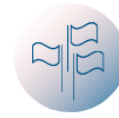
II SIMULARI PUCRS

Simulação de Relações Internacionais da PUCRS

GUIA DE ESTUDOS:

CONFERÊNCIA DE GENEBRA DE 1954



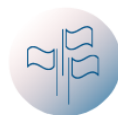


Resumo

Nesta segunda edição da SimulaRI, o comitê histórico selecionou a Conferência de Genebra de 1954 como evento da simulação, durante os dias **24 à 26 de maio**, os delegados irão debater sobre a Guerra das Coreias e a Guerra da Indochina. Nesse contexto, o debate está concentrado no continente asiático, tendo como alguns pontos centrais: o desfecho da Segunda Guerra Mundial; conseqüentemente, o início da Guerra Fria e suas formas de dominação no cenário internacional; a consolidação da ONU no debate internacional; etc.

Destaca-se que, a Conferência de Genebra de 1954 teve a participação de, apenas, 9 representantes, logo, para fins didáticos, a direção da **II SimulaRI** aprovou o subsídio de abranger/integrar nações que se envolveram nas guerras, porém ausentes da convenção histórica. Portanto, para o auxílio dos delegados, que foram designados a nações que não estavam presentes no evento, um método de estudos que pode ser utilizado é pesquisar o líder do país (presidente, primeiro-ministro, imperador etc.) e assim suas ideologias e forma de governo.

Por fim, o comitê tem como objetivo fomentar uma discussão sobre os países que estão nestes embates, e que trazem à tona questões ideológicas, históricas e de direitos humanos. O quanto um país pode ajudar? A quem se mantém o direito de terra e quais fatores externos podem influenciar tal “direito”? O anseio nacional significa algo para a tomada de decisões? Essas e outras questões, são as que vocês, delegados, terão que refletir, discutir e encontrar uma resolução. Bem-vindos ao **II SimulaRI**.



Abreviaturas

EUA - Estados Unidos da América

ONU - Organizações das Nações Unidas

PNB - Produto Nacional Bruto

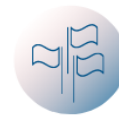
RPC - República Popular da China

RPDC - República Popular Democrática da Coreia

SSSR - Society for the Scientific Study of Reading

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas



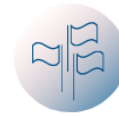


Lista de Imagens

Imagem 1 - Divisão territorial das Coreias e os ataques no território.....	8
Imagem 2 - Território Indochina Francesa.....	9

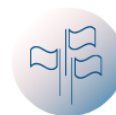
Lista de Tabelas

Tabela 1 - Principais Indicadores Econômicos da Coreia do Sul.....	13
Tabela 2 - Ajuda/Contribuições de nações (milhões de rublos) para a Coreia do Norte.....	14
Tabela 3- Produção de Arroz da Indochina em casca 1000 sacos de 60 quilos.....	15
Tabela 4 - Resoluções da ONU sobre as guerras da Coreia e da Indochina.....	16



Sumário

1. Introdução.....	6
2. Contexto.....	9
3. Delimitação do problema e seus objetivos.....	12
4. Resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas.....	15
5. Comitê e participantes.....	17
Referências.....	30



Conferência de Genebra de 1954: Coreia e Indochina

Pedro Luzzi¹

Lara Lemos²

Milena Land³

Roberta Ravazolo⁴

1. Introdução

O Comitê Histórico, “**Conferência de Genebra de 1954: Coreia e Indochina**”, abre discussões no contexto das guerras no continente asiático - Coreia e Indochina - com o propósito de negociar acordos que visem as metas dos países envolvidos. Nesse sentido, o comitê estima que os representantes sigam de acordo com seu país determinado, tendo como um pequeno guia de posicionamento no 9º tópico, “**Comitê e participantes**”. Observa-se que a Conferência teve início no dia 26 de abril e encerrou-se no dia 20 de julho do mesmo ano, essa discussão ocorreu em Genebra, Suíça.

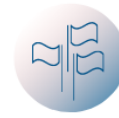
Destarte, abre-se o debate da Conferência de Genebra de 1954 com os conflitos na Coreia, dividida entre Norte e Sul. Nesse contexto, tal território asiático no século XIX demonstrava um ator importante no cenário de disputas imperialistas no continente, sendo essa a principal razão para a Primeira Guerra Sino-Japonesa em 1894, com a vitória japonesa um ano depois (VALK et al., 2017). Após diversos ataques, a Coreia se tornou protegida do Japão que, conseqüentemente, ocupou o território em 1910 (LEW, 2000). Todavia, a dominância japonesa ocasionou que tanto o território quanto a população se definissem como meras propriedades do governo, instaurando um ambiente violento contra os direitos humanos, impondo trabalho escravo e de total subordinação das instituições estatais (VALK et al., 2017). A partir deste âmbito, houve o crescimento do nacionalismo coreano, o que, por

¹ Aluno de graduação em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Email: pedro.luzzi@edu.pucrs.br

² Aluna de graduação em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Email: lara.lemos@edu.pucrs.br

³ Aluna de graduação em Relações Internacionais pela Universidade La Salle. Email: milenalandavila@unilasalle.edu.br

⁴ Aluna de graduação em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Email: R.ravazolo@edu.pucrs.br



sua vez, influenciou para a criação de grupos de oposição às atuações japonesas no território coreano (YOON, 2010).

Contudo, o “pedido” de independência da Coreia foi postergado, pois somente seis dias após a rendição japonesa na Segunda Guerra Mundial que as forças nacionalistas receberam tropas da União Soviética, a fim de ocupar a parte norte da península e derrotar o exército japonês ali existente (VALK et al., 2017). Por consequência do apoio soviético, os Estados Unidos planejaram a divisão da península coreana em duas zonas de influência, com medo da URSS invadir toda a extensão do território.

Apesar da interferência das superpotências, URSS e EUA, a Coreia não era prioridade no plano internacional, logo não interessava a nenhuma delas um confronto direto (PIKE, 2010). Entretanto, no ano de 1948, no espaço coreano, houve muitas disputas entre guerrilhas internas, provocando, assim, tensões entre Norte e Sul. Embora os estímulos das Nações Unidas de promover eleições livres e abertas, com a meta de dissuadir os ataques entre Norte e Sul, mas as aflições em torno do Paralelo 38°, além de persistirem, multiplicavam (GOLDSTEIN e MAIHAFER, 2000). Logo, em 25 de junho de 1950, o exército comunista cruzou a fronteira do paralelo, dando início a Guerra da Coreia, e com a impulsão da disputa devido à rivalidade entre Estados Unidos e União Soviética. Por fim, a batalha se estendeu até o dia 27 de julho de 1953, uma vez que o armistício foi assinado, firmando a Zona Desmilitarizada da Coreia, porém o acordo de paz permanece inexistente.

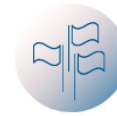


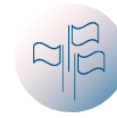
Imagem 1 - Divisão territorial das Coreias e os ataques no território



Fonte: Guerra da Coreia (1950/53) e Seus Desdobramentos Geopolíticos Atuais (2013). Disponível em: <http://marcosbau.com.br/geopolitica/a-guerra-da-coreia-e-seus-desdobramentos-atuais-2013/>. Acesso em: 18 mai. 2023.

No contexto da Guerra da Indochina, o conflito territorial teve como ponto de partida o ano de 1893, quando a França incorporou o Laos e o Camboja ao Vietnã e criou um grande território que, anos depois, seria conhecido como Indochina Francesa (SIQUEIRA, 2019). No entanto, durante o desdobramento da Segunda Guerra Mundial, a potência japonesa invadiu os territórios franceses na Indochina, todavia tais espaços permaneceram com a administração da França, ainda que sob a supervisão japonesa até no ano de 1945 (SIQUEIRA, 2019). Destaca-se que no dia 16 de agosto de 1945, o grupo dos Viet Minhs se fortaleceu, liderados pelo comunista nacionalista Ho Chi Minh, Desse modo, iniciando a luta anti-colonialista contra a França e o Japão (CABLE, 1986). Após a “expulsão” dos japoneses na Indochina Francesa, os colonos franceses tentam obter, novamente, o poder na região.

Ao adentrar nesse debate, é importante destacar que, desde de 1951, o governo francês não possuía os subterfúgios necessários para uma resolução eficaz e rápida para o conflito, o que desencadeou o exército francês a iniciar ataques ofensivos nos territórios de Indochina (SIQUEIRA, 2019). Além disso, tais espaços de Indochina são uma região de grande valia nos requisitos comerciais, devido a sua grande produção de borracha e ferro (SIQUEIRA,



2019); e o arroz (WIEST; MACNAB, 2016). Ademais, tal embate neste território permanece ativo durante a realização da Conferência de Genebra, sem uma resolução temporária de paz.

Imagem 2 - Território Indochina Francesa



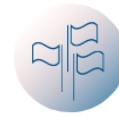
Fonte: Archivo:Indochine française es.svg. Disponível em: https://es.m.wikipedia.org/wiki/Archivo:Indochine_fran%C3%A7aise_es.svg. Acesso em: 18 mai. 2023.

Portanto, abre-se o comitê “**Conferência de Genebra de 1954: Coreia e Indochina**” em circunstâncias que: (1) as Coreias firmaram um armistício, não o fim da guerra; e (2) o conflito nos territórios de Indochina não cessaram. Logo, como os representantes vão dialogar com este comitê? Terá paz, ou a guerra vai persistir?

2. Contexto

No ano de 1954, a conferência tomava como principais contextos os acontecimentos da Guerra da Coreia e da Guerra da Indochina. Durante a Guerra da Coreia, foi muito importante o entendimento de conflitos externos, como a Guerra Fria que acontecia entre os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o envolvimento da Organização das Nações Unidas e o colapso da hegemonia japonesa no continente asiático.

Após a Segunda Guerra Mundial houve a divisão entre a península coreana, que dividiu seu país em duas Coreias, onde ao norte foi tomado por um regime declaradamente socialista, que possuía apoio da URSS e ao sul comandado por um regime capitalista que era

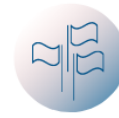


controlado majoritariamente pelos EUA. Ambas partes da península implementaram reformas agrárias e investiram na redistribuição de lotes que antes pertenciam à latifundiários japoneses, contudo, os resquícios da ocupação japonesa continuaram presentes no país, como a opressão na cultura coreana e o trabalho escravo na agricultura. A disputa original entre as Coreias foi encabeçada pelo Japão, que travava uma disputa com a URSS e a China. A divisão, pós Segunda Guerra Mundial, deu ao exército soviético espaço no norte da península, o que, então, abriu brechas para uma invasão americana ao sul para a defesa da capital coreana que deveria pertencer aos EUA. À medida que o conflito escala globalmente, há a inserção de novos componentes para discutirem as políticas desta guerra. A ocupação japonesa nunca foi esquecida por ambas partes da Coreia, mas teve de ser deixada de lado pelo norte quando o Japão se tornou um aliado na defesa de seu território, o que envolvia intrinsecamente a defesa de ideologias concebidas no cenário internacional como ideologias comunistas.

É importante citar também que, o fim da dominação de impérios coloniais europeus no continente asiático, levou ao surgimento de movimentos nacionalistas os quais buscavam por independência total. Somado às ações reativas dos Estados Unidos contra a expansão da URSS e seus ideais, houve um impulsionamento de tais movimentos que fomentou ainda mais a rachadura e a divisão entre as duas Coreias, se é que com a emergência da Guerra Fria já não havia provocado a segregação do país suficientemente. Havia uma iminente tensão de que o conflito local escalasse para uma conflagração global, se tornando uma disputa entre poderes comunistas e capitalistas. Essa foi a principal razão para envolvimento de organizações e países que até então poderiam se manter alheios ao conflito coreano.

Enquanto resolução, um armistício entre as Coreias foi negociado entre o Comando das Nações Unidas e a Coreia do Norte e a República Popular da China. Os termos garantiam cessar-fogo imediato e que os países mantivessem a fronteira entre o Paralelo 38°, como era antes da guerra. Essa declaração não finaliza a Guerra das Coreias, é apenas um tratado que encerrou temporariamente o conflito, mas não houve a consolidação de um tratado de paz entre os países.

Como já citado anteriormente, o fim da Segunda Guerra Mundial impactou profundamente a Ásia ao ter sido a causa que levou ao colapso da hegemonia japonesa, a qual era a nação detentora das colônias, previamente pertencentes a países europeus no continente asiático. Esse colapso, ao invés de dar o poder colonial nas mãos de países ocidentais, na verdade acabou por fomentar a criação de fortes movimentos nacionalistas locais, que solidificaram seus ideais na luta por independência. Assim como na Guerra da Coreia, a



Guerra Fria teve um papel importante também na Guerra da Indochina. Os ideais comunistas que se expandiram pelo globo conversavam com esses movimentos nacionalistas, e a postura forte dos EUA contra essa expansão fez com que o país se envolvesse com vigor nesse conflito.

A força expedicionária colonial da União Francesa, que conta com o apoio dos EUA, confronta o Viet Minh, movimento nacionalista do Vietnã; afinal tanto a França quanto os Estados Unidos, temem pelas crenças comunistas que estavam ganhando cada vez mais força dentro dos movimentos locais. A liderança do movimento é de Ho Chi Minh, uma personalidade que se mostra sob controle para reunificar o país e realizar o objetivo de expulsar as potências coloniais.

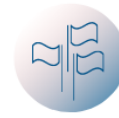
O vislumbre de uma solução para esse combate veio com a morte de Josef Stalin, até então líder da URSS, e, a partir de seu falecimento, surgiu a possibilidade de retomar relações entre a nação soviética e países ocidentais.

O contexto internacional se tornou muito valioso na solução desse conflito, pois o armistício assinado pelas Coreias incentivou políticos franceses a colocar, através de meios diplomáticos, um fim à disputa. É importante citar que ambas as guerras, da Coreia e da Indochina, aconteciam simultaneamente a partir de 1950, e, por isso, envolviam muitos atores em comum.

Os países mais interessados em uma solução eram a França, a URSS e a China, pois essa situação serviria como uma vitrine para mostrar aos países ocidentais que, essas nações, estariam abertas para uma conversa diplomática e uma resolução do conflito, acompanhada de uma boa propaganda. Todavia, essas razões não anulam o risco de os EUA atropelarem as tropas francesas e invadirem o país, o que afetaria as fronteiras ao sul da China. Dessa forma, a China preferiu comprometer o líder Viet Minh em troca de assegurar a segurança de seu território.

Na metade do século XX, a Indochina constituía uma região vital de comércio de bens como o arroz, a borracha e o minério de ferro, além de ser vista como área estratégica na luta global entre o capitalismo e o comunismo. Formado pelo Vietnã, Camboja e Laos, esse território, riquíssimo em matéria-prima, constituiu durante décadas, a chamada Indochina Francesa, que, após a Segunda Guerra Mundial, enxergou o poder colonial francês ser enfraquecido, mas ainda assim lutaria durante anos para deixar de ser uma colônia.

A Guerra da Indochina, geralmente conhecida como Guerra da Indochina na França ou Guerra da Resistência Anti-Francesa no Vietnã, começou em 19 de dezembro de 1946. A maior parte da luta ocorreu em Tonkin, no sul do Vietnã, embora o conflito envolvesse todo o



país, se estendendo, também, para o restante da Indochina Francesa. Os primeiros anos da guerra foram marcados por uma insurgência rural de baixo nível contra os franceses. No entanto, depois que os chineses chegaram à fronteira, no norte do Vietnã, em 1949, o conflito transformou-se em uma guerra convencional entre dois exércitos equipados com armas modernas fornecidas pelos Estados Unidos e pela União Soviética. As forças da União Francesa incluíam tropas coloniais de todo o antigo império (marroquino, argelino, tunisiano, minorias étnicas laosianas, cambojanas e vietnamitas), além das tropas profissionais francesas, unidades da Legião Estrangeira Francesa e o apoio militar e financeiro da superpotência norte-americana.

3. Delimitação problema, objetivos e resolução

Com o final da Segunda Guerra Mundial em 1945, a Conferência de Potsdam demarcou o território coreano a partir da linha imaginária do Paralelo 38° de latitude norte, tal região encontrava-se sob influência soviética, enquanto a porção sul sob ingerência americana (VALK et al., 2017). Nesse contexto, a manobra geopolítica foi sustentada sob o propósito de cumprir o tratado de rendição japonês e a preservação dos direitos políticos e humanos da nação coreana. Observa-se que o território da Indochina possui uma história diferente, após a expulsão dos exércitos japoneses, a França retomou seu domínio no espaço ocidental, ignorando as insatisfações de Vietnã, Laos e Camboja. Logo, a Conferência de Genebra de 1954, estende-se numa atmosfera de luto para o Ocidente, produzida pelos desgastes da invasão norte-coreana no Paralelo 38°; pela movimentação anti colonialista em Indochina, que provoca a desmoralização dos franceses (SHU, 2015).

Nesse sentido, a interferência das superpotências - Estados Unidos e União Soviética - na Guerra da Coreia é motivada pelo teor ideológico, visto que cada nação defende ideais opostos entre si, buscando zonas de influência no cenário pós-guerra. Todavia, destaca-se que em aspectos econômicos, nos dias atuais (1954), a porção sul da Coreia, possui como foco econômico, o setor primário e de serviços, uma vez que na década de 50 houve a reforma agrária na região, aumentando tanto o consumismo industrial quanto a diminuição do êxodo rural, logo “as indústrias intensivas em mão de obra [...], iam dominando a paisagem produtiva do país” (ALBUQUERQUE, 2019).

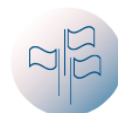


Tabela 1: Principais Indicadores Econômicos da Coreia do Sul

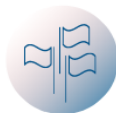
	1953
População em milhões	21.5
PNB em US \$ bilhões	1.4
PNB per capita em US \$	67.0
Exportações em US \$	39.6
Estrutura do PNB (%)	
Setor Primário	47.3%
Setor de Mineração	1.1%
Setor Manufatureiro	9.0%
Setor Governamental	2.6%
Setor de Serviços	40.0%
Estrutura Manufatureira (%)	
Indústria leve%	78.9%
Indústria pesada %	21.1%

Fonte (Adaptado): Seoul Office of Statistics, República da Coreia, agosto 1995. Disponível em: <https://www4.pucsp.br/geap/artigos/art6.PDF>. Acesso em 2 mar. 2023.

Em contrapartida, a região norte-coreana se encontra num cenário precário, devido aos constantes ataques dentro de seu espaço. De acordo com os números da RPDC, a guerra destruiu cerca de 8.700 fábricas, 5.000 escolas, 1.000 hospitais e 600.000 residências (informação encontrada no “The Three Year Plan”, de Kyôngje kônso, 1956). Além disso, consoante Charles K. Armstrong na obra “A destruição e reconstrução da Coreia do Norte”, em 1954, 33,4% da receita do Estado norte coreano veio da ajuda externa.

Tabela 2: Ajuda/Contribuições de nações (milhões de rublos⁵) para a Coreia do Norte

⁵ De acordo com o site “Conversão no Passado”, que utiliza dados de bancos centrais, 1 ₣ equivale, aproximadamente, US\$ 1,0084 em meados dos anos 50.



URSS	292,5
China	258,4
RDA (República Democrática Alemã)	122,7
Polônia	81,9
Checoslováquia	61,0
Romênia	22
Hungria	21
Bulgária	18,7
Albânia	0,6
Mongólia	0,4
Vietnã do Norte	0,1
Total	879,3

Fonte: SSSR e Coreia (Moscou: URSS Academia das Ciências, 1988), p. 256. Disponível em: https://resistir.info/coreia/armstrong_30ago21.html#notas. Acesso em: 1 mar. 2023.

Portanto, com base nessas informações sobre o contexto da Guerra das Coreias, conclui-se que o objetivo deste comitê necessita de resoluções em diferentes áreas:

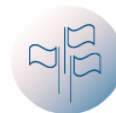
(1) na geopolítica, tendo em consideração os recentes conflitos, a divisão entre as Coreias pelo Paralelo 38° é suficiente, ou até mesmo necessário, para o fim deste embate?

(2) na política, sob olhar de independência nacional, a nação Coreana carece de alguma instituição/legalização para o controle do Estado?

(3) e na economia, apesar das denúncias perante o Conselho de Segurança da ONU, contra o exército norte-coreano, a região requer apoio financeiro, em contrapartida a porção sul demonstra um desenvolvimento industrial, logo, o espaço norte merece tais contribuições monetárias?

Após este relato sobre as Coreias, direciona-se o foco do texto para a guerra da Indochina. Tal território foi intitulado como colônia francesa, tendo as primeiras civilizações do território categorizadas como arcaicas e, assim, dominadas pelo comando francês. Apesar da breve dominação japonesa durante a Segunda Guerra Mundial, a França persiste como dominadora governamental territorial.

Não obstante, o território era nomeado como Indochina Francesa pelas suas fronteiras entre a Índia (a oeste) e a China (ao norte) e o controle francês no espaço, ignorando os



aspectos culturais das outras nações dominadas: Vietnã, Camboja e Laos. O interesse europeu na Indochina se baseia no potencial comercial identificado na região, devido sua disponibilidade de matéria prima, sua grande produção de borracha e ferro (SIQUEIRA, 2019); e o arroz, que a zona Norte fornecia apenas 40% do total do alimento de todo país (WIEST; MACNAB, 2016); sem mencionar a condições climáticas que beneficiam a agropecuária de peixe e milho.

Tabela 3: Produção de Arroz da Indochina em casca 1000 sacos de 60 quilos

	1935/36 a 1939/40	1945/46 a 1849/50	1952/53	1953/54
Indochina	108.895	89.964	99.036	101.304

Fonte (Adaptado): Bureau of Agricultural Economics (Departamento de Agricultura, USA).

Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/rea/1955/asp43-55.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2023.

Portanto, com essa retrospectiva na perspectiva da Guerra da Indochina, este debate também carece de soluções em diversas áreas:

(1) na geopolítica, a busca pela independência do território é complexa, devido ao envolvimento de três civilizações asiáticas - vietnamitas, cambojanos e laosense - e da França. Como consistirá esta emancipação?

(2) na política, atualmente, o governo é regido pelas orientações sob amando francês, logo, como será a direção que país irá se reestruturar?

(3) nos direitos humanos, a população originária delata situações inadmissíveis ocasionadas pelos dominadores. Qual será o apoio que as delegações podem oferecer?

4. Resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas

Estas resoluções servem para fornecer um acervo sobre acordos que “influenciaram” o contexto da **Conferência de Genebra**. Não será necessário a memorização das datas ou dos objetivos dos tratados, esses dados são apenas para aproximá-los do momento histórico que os cerca.

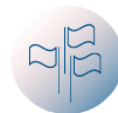
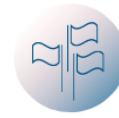


Tabela 4: Resoluções da ONU sobre as guerras da Coreia e da Indochina

Nº da resolução	Data	Resultado da votação e participantes	Tema da resolução
82	25 de junho de 1950	9-0-1 (presente mas não votou: União Soviética; abstenção: Iugoslávia)	Denúncia de agressão sobre a República da Coreia
83	27 de junho de 1950	7-1-0 (contra: Iugoslávia; presentes mas não votaram: Egito e Índia, abstenção: União Soviética)	Denúncia de agressão sobre a República da Coreia
84	7 de julho de 1950	7-0-3 (presente mas não votou: União Soviética; abstenções: Egito, Índia, Iugoslávia)	Denúncia de agressão sobre a República da Coreia
85	31 de julho de 1950	9-0-1 (presente mas não votou: União Soviética; abstenção: Iugoslávia)	Denúncia de agressão sobre a República da Coreia
86	26 de setembro de 1950	10-0-1 (abstenção: República da China)	Admissão da Indonésia
88	8 de novembro de 1950	8-2-1 (contra: República da China, Cuba; abstenção: Egito)	Denúncia de agressão sobre a República da Coreia



90	31 de janeiro de 1951	11-0-0	Denúncia de agressão sobre a República da Coreia
----	-----------------------	--------	--

Fonte (Adaptado): “Lista de resoluções de 1 a 100 do Conselho de Segurança das Nações Unidas”.

Disponível

em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_resolu%C3%A7%C3%B5es_de_1_a_100_do_Conselho_de_Seguran%C3%A7a_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas. Acesso em: 26 fev. 2023.

5. Comitê e participantes

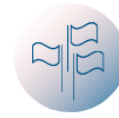
O comitê histórico propõe que seja retomado um acontecimento que foi importante para a história, neste caso específico para a história do continente asiático, e levado novas perspectivas sobre os tópicos discutidos. Existe a **possibilidade** dos delegados de cada país assumirem as posições que desejarem, tendo liberdade para alterar seu ponto de vista. Sendo de suma importância para fomentar a tomada de decisão dos delegados quando em frente a situações passadas, mas que podem ser resolvidas através de uma lente atual.

Dentro da esfera geopolítica tratada nessa reunião, os acontecimentos prévios a essa conferência são cruciais para a construção de um posicionamento compreensível e direto. Sendo de suma importância a coerência dos países envolvidos de acordo com as informações contidas neste guia. Serão respeitadas as decisões tomadas na conferência para que a discussão caminhe em direção a uma resolução unânime entre as delegações e a mesa diretora.

Conferência de Genebra de 1954

1. Estados Unidos da América (Coréia e Indochina)

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os **Estados Unidos da América** se encontram num cenário favorável comparado aos outros aliados europeus, uma vez que não houve conflitos diretos no seu território e foram a primeira nação a utilizar armas nucleares no conflito. Todavia, não é perspicaz intensificar um embate armado com a União Soviética. Ademais, em 1950, com a aprovação da Resolução 83 pelo Conselho de Segurança da ONU, forças militares apoiaram o lado sul-coreano. Dessa



forma, a estratégia estadunidense para refrear os avanços socialistas no território asiático devem ser precisos e circunspecto (KISSINGER, 2014); principalmente com a presidência de Dwight Eisenhower.

2. União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (Coreia & Indochina)

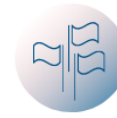
Durante o confronto no Paralelo 38°, na Guerra da Coreia, Kim Il Sung pediu apoio de Joseph Stalin no seu objetivo de invadir o território sul-coreano, unificando a península sob a ideologia comunista, no qual foi apoiado pela **União das Repúblicas Socialistas Soviéticas** (KISSINGER, 2014). Para a URSS, a decisão de colaborar com o exército norte-coreano possui teor estratégico, uma vez que o aliado encontra-se no plano de defesa estadunidense contra a China maoísta, outro simpatizante dos ideais socialistas. Ademais, por ser reconhecida como o país mais influente ao socialismo, as forças soviéticas também estavam presentes nos territórios da Indochina (ICS, 2009). Vale destacar que ano passado, 1953, o líder soviético Joseph Stalin morreu, colocando o primeiro-ministro, Gueorgui Malenkov, no poder.

3. França (Coréia e Indochina)

A **França** quer evitar o desenrolar de um conflito com a República da Coreia, contudo, proclama que o ataque norte-coreano foi uma violação da paz, incentivando que tal exército retire suas tropas do território sul. Ademais, a nação francesa não possui subterfúgios necessários para exercer um papel mais ativo no conflito coreano como seu apoio militar em 1950, com a Resolução 83, uma vez que o país persiste na sua conquista de Indochina, sob o comando do presidente René Coty.

4. Reino Unido (Coreia)

O **Reino Unido**, uma vez superpotência, se encontra enfraquecida pela emergência dos Estados Unidos e da União Soviética, logo, encontra-se focado na manutenção interna de seu território, já que suas antigas terras ultramarinas alcançaram a independência. Apesar da atual posse do primeiro-ministro, Winston Leonard Spencer Churchill, o seu antecessor, Clement Attlee, com seu discurso de defender a preservação da paz, e de não possuir interesse direto na Coreia nem na Indochina, promoveram o senso de reconstrução do Reino Unido em Churchill. Portanto, o seu



apoio militar para o exército sul-coreano, em 1950, foi fundamentado pela sua aliança com os Estados Unidos, não pelos ideais atuais da nação (THE GUARDIAN, 2010).

5. República Democrática do Vietname – Viet Minh (Indochina)

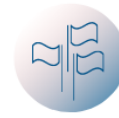
Movimento de libertação nacional, o **Viet Minh**, liderado por Ho Chi Minh na luta pela independência do Vietnã, majoritariamente composto por adeptos da ideologia comunista e de qualquer tipo de filiação política. Durante a Segunda Guerra contestou a ocupação japonesa, organizando emboscadas de guerrilha contra os japoneses na busca da libertação de regiões do norte do Vietnã. Após a ocupação de Hanói foi proclamada a independência da República Democrática do Vietname, que seguiu sem reconhecimento pela França.

6. República do Vietname – Estado do Vietname (Indochina)

Originalmente criado como parte da União Francesa, o **Estado do Vietname** reivindicava ter autoridade sobre todo o território da Indochina francesa. Em 1950 o Estado do Vietname, que foi reconhecido internacionalmente, tendo o imperador Bao Dai como chefe de Governo, dominava parte do território ao sul e a República Democrática do Vietname, o resto de todo o território Indochinês. Nacionalistas do Vietname se opuseram, acusando os líderes de estarem colocando o país em uma emboscada para se aliar aos colonizadores franceses.

7. República Popular da China (Coreia & Indochina)

A **República Popular da China** se encontra com uma nova constituição, atribuindo a Mao Tsé-Tung a presidência do país. Além disso, a região demonstra um desenvolvimento com o lançamento do **Primeiro Plano Quinquenal** com um sistema de cooperativas em áreas rurais, onde as culturas de extensões até então divididas em pequenas parcelas privadas passaram a ser agrupadas para compartilhar recursos, ou seja, esse desenvolvimento demonstra a ascensão da RPC, conseqüentemente, uma participação mais ativa; ou um fator para não se envolver em conflitos, a fim de poupar recursos? No contexto das guerras tanto das Coreias quanto da Indochina, a RPC participou ativamente no conflito, com o envio de soldados para o exército norte-coreano.



8. Camboja (Indochina)

Com o final da Segunda Guerra Mundial, o país desenvolveu grande sentimento nacionalista entre os segmentos da população, liderados pelo Partido Popular Revolucionário do Kampuchea. Esse fator acarreta o reconhecimento da soberania do país pela França, deixando, assim, de ser parte do território da Indochina Francesa. Por conseguinte, no território a influência monárquica é dominante, sob o reinado de Norodom Sihanouk.

9. Reino de Laos (Indochina)

O **Reino de Laos**, no ano de 1945, com o final da Segunda Guerra Mundial, declara o fim do protetorado francês no território. Posteriormente, o Governo de Laos assumiu o controle político, econômico e social do país, instaurando uma monarquia constitucional. Dessa maneira, os líderes políticos são o Rei, Sisavang Vong e o Príncipe, Souvanna Phouma, como primeiro-ministro do país.

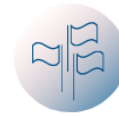
Nações envolvidas na Guerra da Coreia

10. Coreia do Sul

A **Coreia do Sul** teve grande parte da sua infraestrutura destruída em função da intervenção contínua dos dois países, EUA e URSS, durante o conflito. Dessa forma, a região sul era permanentemente contestada por segmentos da população, bem como possuía enorme dependência econômica de outros países – sobretudo dos Estados Unidos. Por conseguinte, o regime do presidente Syngman Rhee fica reconhecido por uma certa submissão aos Estados Unidos. Ademais, nesse período, a independência da Coreia do Sul só é reconhecida pelos países que compõem o bloco capitalista, não sendo admitida pela ONU.

11. Austrália

A **Austrália** possui fortes relações com o Reino Unido, sobretudo durante a Primeira Guerra Mundial, visto que lutou como parte do Império britânico e depois da Commonwealth. Entretanto, fatores como a derrota dos britânicos na Ásia, em 1942,



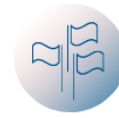
durante a Segunda Guerra Mundial, além da ameaça de invasão pelo Japão Imperial contribuíram para que o governo australiano, liderado pelo primeiro-ministro, Robert Menzies, voltasse para os Estados Unidos como um novo aliado e protetor. Dessa forma, a partir de 1951 o país tornou-se formalmente um aliado militar dos EUA e da Coreia do Sul – por meio do envio de tropas para a Coreia.

12. Nova Zelândia

A **Nova Zelândia** possuía grande influência do Reino Unido, visto que foi aliada do Império Britânico durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Todavia, com a Grande Depressão em 1929, a crise colaborou para a eleição do primeiro governo trabalhista no país, bem como a adoção de uma economia protecionista. Além disso, anos mais tarde, o primeiro-ministro, Sidney Holland, impôs uma política de unificação da oposição, instaurando efetivamente o Partido Nacionalista no país. Após esses processos de reformas, conjecturou no país um distanciamento dos princípios do Reino Unido e, junto à Austrália, une-se aos Estados Unidos no tratado de defesa e proteção mútua. Ademais, o país colabora com a Coreia do Sul a partir do envio de tropas para o território em conflito.

13. Canadá

O **Canadá** enquanto país membro da Organização das Nações Unidas se vê parte do conflito coreano quando, em 1950, o Conselho de Segurança se reúne emergencialmente para discutir uma possível intervenção no conflito. O primeiro-ministro, Louis St. Laurent, decidiu por esperar uma decisão dos Estados Unidos, prevendo uma intromissão no conflito coreano apenas se o país vizinho também o fizesse. Apesar de possuir forças militares, elas não poderiam ser comparadas às forças estadunidenses, pois careciam em quantidade e qualidade. Desse modo, dependendo dos EUA para tomarem sua decisão, o Canadá mostra que sua realidade geopolítica não deixava espaço para grandes surpresas, pois qualquer significativo confronto que exigisse uma resposta importante seria guiada pela decisão tomada pelos EUA. Seu jogo estratégico dependia da inserção do país no *policy-making*, e para isso era necessário jogar de acordo com o seu país vizinho.



14. Filipinas

As **Filipinas**, que obtiveram a independência em 1946, têm como meta sua reconstrução pós-guerra. Ramon Magsaysay, o presidente da nação, prega um discurso de segurança e estabilidade no continente asiático, em oposição ao espírito da revolução comunista. Destarte, o país está disposto a prestar assistência à Coreia do Sul e às guerrilhas da Indochina (MAHAJANI, 1985).

15. Tailândia

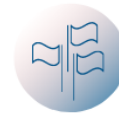
A **Tailândia** aderiu, inicialmente, a um posicionamento imparcial na Segunda Guerra Mundial. Entretanto, o país foi invadido, em 1941, pelo Império do Japão, que exigia mover suas tropas no país até a fronteira da Malásia. Posteriormente, os dois países assinaram um acordo secreto de aliança militar, no qual Tóquio concorda em ajudar a Tailândia a recuperar seus territórios sob domínio britânico e francês. No ano seguinte, o país declara guerra contra os Estados Unidos e o Reino Unido, além de tornar-se parceiro do Japão contra os Aliados – apesar de manter movimentos de resistência contra a presença japonesa no país.

Todavia, após a guerra, a Tailândia emergiu como grande aliado dos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria. Ademais, ressalta-se que o país é uma monarquia constitucional e está, desde 1932, sob o comando militar do monarca Bhumidol Adulvadei (Rama IX).

16. Grécia

A **Grécia**, durante o período da Segunda Guerra Mundial, envolveu-se, em 1940, na Guerra Greco-Italiana, visto que a Itália fascista exigia a rendição do país. A vitória grega contra a invasão italiana representou a primeira vitória dos Aliados frente ao Eixo. Posteriormente, em 1941, a Grécia foi dominada pelos nazistas e ocupada pelas potências do Eixo, fator que proporcionou um período de declínio político, econômico e social no país.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o país permaneceu em um cenário de guerra civil, porém, dessa vez, entre as forças comunistas e o governo anticomunista do país. Nessa ótica, menciona-se que esse conflito desempenhou o papel de um dos primeiros conflitos ideológicos da Guerra Fria. No ano de 1949, a vitória anticomunista no país,



depois de uma grave devastação econômica e de polarização política, promoveu um período de rápida recuperação da economia, sobretudo graças à adoção do Plano Marshall.

Ademais, o país encontra-se sob o regime autoritário de Metaxas desde 1936, conhecido como o Regime de 4 de agosto.

17. Bélgica

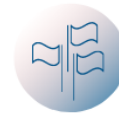
A **Bélgica** possui um histórico de invasões alemãs. Primeiro, em 1914, o país é invadido pelo Império Alemão, que visava atacar a França, tal período ficou conhecido como o “Estupro da Bélgica”, uma vez que a nação sofreu ataques extremamente violentos. Sob esse viés, posteriormente, em 1940, o país foi novamente ocupado pela Alemanha, dessa vez no contexto da Segunda Guerra Mundial, até finalmente ser libertado pelos Aliados no ano de 1944.

Nesse sentido, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o rei Leopoldo III foi forçado a abdicar, em 1951, haja vista que era acusado de colaborar com a Alemanha durante o conflito. Por conseguinte, quem assume o poder belga é o monarca Balduíno, acompanhado do primeiro-ministro Jean Van Houtte. Nesse cenário, o país colabora com o apelo da ONU e defende o lado norte-americano, por meio do envio de 85 soldados para a Coreia do Sul.

18. África do Sul

A **África do Sul** tornou-se formalmente independente do Reino Unido em 1931, devido à promulgação do Estatuto de Westminster. Além disso, no ano de 1934, há uma fusão entre os partidos políticos Sul-Africano e Nacional, criando o Partido Unido, com o fito de fomentar a reconciliação entre os povos africânderes e anglófonos.

Contudo, 5 anos mais tarde, em 1939, o partido volta a se separar visto a divergência de opiniões acerca da entrada do país como aliado do Reino Unido nos conflitos da Segunda Guerra Mundial – posicionamento sobre o qual o Partido Nacional se opôs. Posteriormente, em 1948, os nacionalistas chegam ao poder, reforçando a segregação racial no território, no qual a minoria branca controlava a grande maioria negra.



Ademais, Ernest George Jansen ocupa o cargo de governador da União Sul Africana desde 1951.

19. Países Baixos

Os **Países Baixos** destacam-se pela sua grandiosa capacidade de manterem-se imparciais durante as guerras, sobretudo utilizando de sua diplomacia e de sua capacidade de negociação para preservar esse posicionamento neutro. Entretanto, durante a Segunda Guerra Mundial o país foi invadido pela Alemanha nazista, em 1940, como parte de sua campanha contra as nações que se identificavam e/ou que apoiavam os Aliados. Posterior ao período de dominação alemã durante o conflito, o país encontra-se sob o comando do primeiro-ministro, Willem Dress, desde 1948.

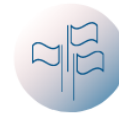
20. Luxemburgo

Luxemburgo teve sua independência assegurada devido às decisões na Conferência de Paz de Paris, apesar das tentativas de anexação do território à Alemanha – sobretudo durante seu domínio do país durante a Primeira Guerra Mundial -, à Bélgica e à França. Posteriormente, em 1940, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o país foi invadido pela Alemanha e tratado como território alemão, violando sua política de neutralidade. Contudo, Luxemburgo expôs seu apoio aos Aliados. Com o fim do conflito, o país desempenhou importante papel como membro fundador das Nações Unidas no ano de 1945.

A respeito disso, a fama de imparcialidade do país terminou quando Luxemburgo se tornou membro fundador da OTAN, sob o mandato do ainda primeiro-ministro, Pierre Dupong. Ainda, durante a Guerra Fria o país atuou ao lado do Ocidente, além de enviar uma pequena quantidade de tropas para lutarem na Guerra das Coreias, ao lado da Coreia do Sul.

21. Dinamarca

A **Dinamarca** manteve sua política de neutralidade durante a Segunda Guerra Mundial até ser invadida pela Alemanha Nazista no ano de 1940. Já em 1944 poucos dinamarqueses demonstravam apoio ao regime de Hitler, demonstrando uma resistência interna no país. É necessário ressaltar que uma mudança constitucional, em 1953, transformou o sistema político do país, sobretudo na adesão feminina ao trono



dinamarquês e na integração da Groenlândia como um território parte da Dinamarca. Atualmente, o país é governado pelo monarca Frederico IX, ao lado do primeiro-ministro Hans Hedtoft.

22. Itália

A **Itália** experienciou um longo período de ditadura até, no contexto da Segunda Guerra Mundial, ser invadida pelos Aliados em 1943. Tal fator acarretou o colapso do regime fascista e a queda do então líder, Benito Mussolini. Devido a esse período de regime militar, a economia e a política italiana estavam completamente devastadas.

Todavia, a partir do ano de 1943, o país se tornou uma república. Atualmente, o país é governado pelo presidente, Luigi Einaudi, membro do Partido Liberal Italiano. Quanto à política externa do país, a Itália tornou-se membro da OTAN, em 1949.

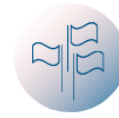
23. Alemanha Ocidental

A base para a posição influente mantida pela **Alemanha** até os dias atuais foi projetada durante o milagre econômico da década de 1950, o chamado *Wirtschaftswunder*, o qual representa a rápida reconstrução e desenvolvimento econômico da Alemanha Ocidental após a Segunda Guerra Mundial.

Assim, a República Federal da Alemanha ressurgiu após a enorme destruição causada pela guerra para se tornar a segunda maior economia do mundo. O primeiro chanceler Konrad Adenauer, trabalhou por um alinhamento total com a OTAN em vez da neutralidade e garantiu a adesão à aliança militar.

24. Índia

A **Índia**, diante de sua recente independência da Grã-Bretanha, apresentava entusiasmo para tomar suas próprias decisões e anseio para tornar-se o novo líder na Ásia, que acaba interferindo nas suas escolhas. Por um lado, o presidente Rajendra Prasad demonstra que anseia uma resolução de ambos os lados entre, norte-coreano e sul-coreano; todavia condena a invasão do exército norte-coreano. A princípio, a Índia não tem mais o intuito de resolver os problema com envio de forças militares(TAYAL; MISHRA, 2012), logo, como a nação promoverá seus pensamentos do conflito sem a utilização desse poder bélico?



25. Noruega

A **Noruega** está sob o comando do primeiro-ministro, Oscar Torp, desde 1951. A partir da segunda metade do século XX, com o desenvolvimento da indústria de petróleo no território, o país emerge no sistema internacional, fortalecendo sua economia e sua política. Além disso, a Noruega tornou-se um dos países membros fundadores da OTAN, a partir de 1949.

26. Suécia

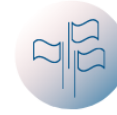
A **Suécia** sempre apresentou um posicionamento imparcial durante todos os conflitos que atingiram escala mundial, são eles: Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria. O país está sob o governo do primeiro-ministro, Tage Erlander, e do monarca, Gustavo VI Adolfo.

27. Espanha

A **Espanha** enfrentou um período de isolamento político e econômico no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, além de ser mantida fora das Nações Unidas. Tal cenário sofreu mudanças a partir de 1955, em que se tornou estrategicamente importante para os Estados Unidos, estabelecendo sua presença militar na Península Ibérica, durante a Guerra Fria. Nesse sentido, o país está sob uma ditadura conservadora e nacionalista de Francisco Franco.

28. Cuba

Cuba, está sob controle do ditador militar Fulgencio Batista Zaldívar desde 1952, a sua presença na conferência é devido ao reconhecimento dos Estados Unidos. Logo, o país se dispôs a ajudar a Coreia do Sul, no entanto, a nação se encontra num momento de insatisfação nacional diante a uma autoridade não-democrática, já tendo apoio militar e financeiro pelos Estados Unidos. Ou seja, a assistência tanto para o exército sul-coreano quanto para o exército sul-vietname deve ser bem pensada.



29. Taiwan/República da China

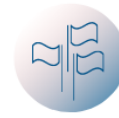
A **República da China/Taiwan**, encontra-se sob a presidência do General Kai-shek que outorgou a **Lei Marcial** no território, que incita a perseguição e punição dos apoiadores do movimento contrário do partido nacionalista Kuomintang, ou seja, os comunistas. Ademais, o país está fornecendo locações para os exilados da República Popular da China. Durante os encontros do Conselho de Segurança da ONU, Taiwan aprovou o envio de forças para a Coreia do Sul, no entanto não se pronunciou sobre o conflito da Indochina.

30. Japão

O **Japão**, com sua derrota humilhante na Segunda Guerra Mundial, vivencia um pós-guerra estreitamente próximo às políticas dos Estados Unidos, principalmente pelo general americano Douglas MacArthur, que assumiu o comando do exército, de acordo com o acordo de Potsdam. Logo, a partir das condições instauradas no acordo de paz de 1945, como pacifismo militar, há fatores que influenciarão o posicionamento do país, sua aliança com os EUA “pedirá” suporte, se sim, de que forma? Destaca-se que, no ano da conferência, o imperador Hirohito Showa permaneceu no trono por conselho do general americano.

31. Coreia do Norte

A **Coreia do Norte** encontra-se destruída e com poucos recursos desde o início da Guerra das Coreias em 1950. Apesar do apoio da China e da URSS em termos técnicos e financeiros, o país está devastado no contexto do conflito. Tal cenário, aliado ao discurso nacionalista e autoritário do líder do país, fomenta o sentimento de raiva e de ressentimento na população, fator que motivou e aproximou a população dos princípios do regime. Dessa maneira, a partir de 1953, o país segue ativo no conflito, bem como está sendo reconstruído e possui uma sociedade industrial consolidada. Por conseguinte, a fim de realizar a manutenção da economia, estabeleceram-se relações com outros países do sistema socialista. Assim, foi possível realizar uma reforma agrária e desenvolver uma agricultura estatal.



Ainda, o país está sob o regime ditatorial de Kim II-Sung, desde o ano de 1948, e possui sua independência reconhecida apenas pelos membros do bloco comunista, não sendo admitido pela ONU.

32. Bulgária

A **Bulgária** tornou-se uma república socialista de partido único a partir do ano de 1946. Já para meados da década de 50, o país teve um aumento no padrão de vida e uma diminuição na repressão política após um longo período de governo monárquico. O país é chefiado pelo primeiro-ministro Todor Zhivkov. A Bulgária colaborou com a Coreia do Norte, visto o envio de equipes e de suprimentos médicos para o país.

33. Alemanha Oriental (Indochina)

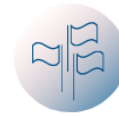
A **Alemanha Oriental** foi proclamada a República Democrática Alemã (RDA) no ano de 1949, estabelecendo um regime socialista controlado pela URSS. Nesse período, o líder do país é Wilhelm Pieck. E assim, no mesmo ano, a RDA reconheceu a independência da Coreia do Norte, as duas nações cooperam política e economicamente. O objetivo geopolítico do país é de obter reconhecimento internacional, visando adquirir um posto globalmente aceito.

34. Polônia (Indochina)

A **Polônia** está sob um governo comunista do presidente Aleksander Zawadzki, instituído pela União Soviética e análogo a maior parte dos governos do Bloco de Leste. A partir do ano de 1952, a República Popular da Polônia foi proclamada. Anterior a isso, no ano de 1948, a Polônia foi o primeiro país do bloco socialista, depois da URSS, a reconhecer a independência da Coreia do Norte. Por conseguinte, a Polônia estabelece um diálogo com a Coreia do Norte, além de enviar equipes e suprimentos médicos ao país.

35. Tchecoslováquia

A Tchecoslováquia foi reunificada após a Segunda Guerra Mundial. No ano de 1948, os comunistas tomaram o poder do país, promovendo um período de crescimento econômico e de estilo de vida para a população. O país é liderado pelo presidente



Antonín Zápotocký e reconhece a independência da Coreia do Norte, a partir de 1948, colaboram com o envio de equipes e de suprimentos médicos ao país.

36. Hungria

A **Hungria** tornou-se uma república independente após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, depois da queda do Império Austro-Húngaro. Contudo, o país foi invadido, posteriormente, pela Alemanha nazista, em 1930, durante o período da Grande Depressão, a fim de retomar o poder sobre alguns territórios. Mais tarde, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o país tornou-se um Estado comunista sob influência de Moscou, com o primeiro-ministro, Imre Nagy, no poder. Ademais, a Hungria reconheceu a independência da Coreia do Norte, em 1948, bem como colaborou com o envio de equipes e de suprimentos médicos ao país.

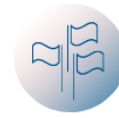
37. Romênia

A **Romênia** foi ocupada pela União Soviética e permanece sob o controle militar, econômico e político da URSS. Em 1948, o Estado começou a nacionalizar empresas privadas e a coletivizar a agricultura. Nesse período, o primeiro-ministro da Romênia é Gheorghe Gheorghiu-Dej. Além disso, o país reconheceu a independência da Coreia do Norte em 1948, além de enviar suprimentos ao país.

País envolvido na Guerra da Indochina.

38. Pathet Lao

O **Pathet Lao** foi um movimento nacionalista de caráter revolucionário organizado no Laos, que assumiu o poder do país por volta dos anos de 1950. Muito próximo de comunistas vietnamitas, o movimento acabou sendo associado a eles após seu envolvimento na luta pela independência do Vietnã. Durante a guerra civil do país o movimento era muito organizado e equipado, seguindo, na maioria das vezes, o exército do Vietnã do Norte. Esse movimento por muitas vezes foi associado ao Viet Minh, por sua similaridade ou inspiração, e também na Frente para Libertação do Vietname. Pathet Lao acabou se tornando um termo para designar os comunistas do Vietnã.



Referências

ALBUQUERQUE, Alexandre Black de. Coreia do Sul na década de 1950: mudança estrutural e início da política desenvolvimentista. ANPUH-Brasil, 30º Simpósio Nacional de História, Recife, 2019. Disponível em:

https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1552700124_ARQUIVO_artigo.pdf.

ALBUQUERQUE, Alexandre Black de. Reforma agrária e crescimento econômico: O caso da Coreia do Sul como lição para o Brasil. ANPUH- Brasil, Rio de Janeiro, p 1-16, 2021.

Disponível em:

https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1613676294_ARQUIVO_1b96a15643623f993aa3c33e8c659c28.pdf.

ARMSTRONG, Charles K. A Destruição E Reconstrução Da Coreia Do Norte, 1950-1960.

Disponível em: https://resistir.info/coreia/armstrong_30ago21.html#notas.

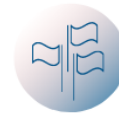
CABLE, James E. The Geneva Conference of 1954 on Indochina. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 1986.

CHANG-SHENG, Shu. "Uma História De Dois Triângulos: Relações Sino-Vietnamitas Durante 1949-1990." Revista da Escola Superior de Guerra 30.61, p. 128-146, 2015.

DEUTSCHE WELLE. Alemanha Oriental e Coreia do Norte: ajuda e desconfiança. Deutsche Welle (DW), Berlim, Alemanha, 23 fev. 2018. Disponível em: [https://www.dw.com/pt-br/alemanha-oriental-e-coreia-do-norte-entre-a-ajuda-e-a-desconfian%C3%A7a/a-42699216#:~:text=Duas%20Alemanhas%2C%20uma%20Coreia%20socialista&text=A%20meta%20geopol%C3%ADtica%20da%20Alemanha,Federal%20da%20Alemanha%20\(RFA\)](https://www.dw.com/pt-br/alemanha-oriental-e-coreia-do-norte-entre-a-ajuda-e-a-desconfian%C3%A7a/a-42699216#:~:text=Duas%20Alemanhas%2C%20uma%20Coreia%20socialista&text=A%20meta%20geopol%C3%ADtica%20da%20Alemanha,Federal%20da%20Alemanha%20(RFA).). Acesso em 18 março 2023.

DOS SANTOS, Mieny Cássia Nakamura; DOS PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes. A Guerra Da Coreia (1950-1953): um estudo sob a ótica do legado teórico de Edward Hallet Carr. Revista de Iniciação Científica da FFC, 2016.

GOLDSTEIN, Donald M.; MAIHAFER, Harry J. The Korean War: the story and photographs. Dulles: Brassey's, 2000.



GOSCHA, Christopher. The Encyclopedia of War First Indochina War. The Encyclopedia of War, 13 nov. 2011.

KISSINGER, Henry A. Ordem Mundial. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2014.

LANGER, P. F., ZASLOFF, J. J. Revolution in Laos: The north vietnamese and the Pathet Lao. Advanced Research Projects Agency, Estados Unidos da América, p 1-233, setembro de 1969. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/AD0702426.pdf>.

LEVI, Nicolas; MOON, Kyungyon. Historical Relations between Poland and North Korea from 1948 to 1980. International Journal of Korean Unification Studies Vol. 27, No. 1, p. 29-70, 2018.

LEW, Young Ick. Brief history of Korea: a bird's eye view. New York: The Korea Society, 2000.

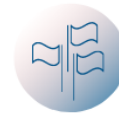
MAHAJANI, Usha. The Development of Philippine Asianism. In : University of the Philippines Diliman, Asian Studies: Journal of Critical Perspectives on Asia. Quezon City: University of the Philippines Diliman, 1965. v. 3.

MASIERO, Gilmar; GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. "A economia coreana: características estruturais." Coréia: visões brasileiras. Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, p. 199-252, 2002.

MOÏSE, Edwin E. . The First Indochina War. The Vietnam Wars, Section 3, p. 1-3, novembro de 1998. Disponível em: <http://www.clemson.edu/caah/history/FacultyPages/EdMoise/viet3.html>.

NAUROIS, Patrice de. Algunos aspectos de la estrategia y de la tactica, aplicados por el Viet-Minh durante la campaña de Indochina. Revista de la Escuela Superior de Guerra, No. 328, p 97-128, março de 1958. Disponível em: http://190.12.101.91/bitstream/1847939/810/1/Revista ESG no. 328-1958_Naurois_91.pdf.

NEVES, Daniel. Guerra da Coreia. Brasil Escola, 2023. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/guerra-coreia.htm#:~:text=Os%20chineses%2C%20a%20partir%20da,linhas%20do%20ex%C3%A9rcito%20norte%2Dcoreano>. Acesso em: 1 mar. 2023.



NEVES, Daniel. Guerra da Indochina. Brasil Escola, 2023. Disponível em:
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/guerra-indochina.htm#:~:text=Com%20a%20vit%C3%B3ria%20dos%20comunistas,soldados%20no%20Vietn%C3%A3%7C1%7C>.

Acesso em: 1 mar. 2023.

PIKE, Francis. Empires at War: A short history of Modern Asia since World War II. Londres: Ib Tauris & Co, 2010.

SÁU, Thúr. China's aid to Vietnam's anti-French resistance war. THS. NGUYEN PHUONG HOA (Institute of Chinese Studies), 1 mai. 2009. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20131202043712/http://www.qdnd.vn/qdndsite/vi-VN/61/43/3/32/75212/Default.aspx>. Acesso em: 19 mar. 2023.

SILVA, Hugo Siqueira. Crimes de Guerra praticados no Vietnã, sob a perspectiva da Convenção de Genebra de 1949. 2019.

SIQUEIRA, Hugo. War Crimes Practiced in Vietnam, Under the Perspective of the Geneva Convention of 1949. Universidade Federal de Uberlândia, p. 1-65, 2 jul. 2019.

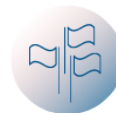
STAIRS, Denis. Canada and the Korean War: Fifty Years On. Canadian Military History, Vol. 9 [2000], Iss. 3, Art. 5, p. 1-12, 2000. Disponível em: <https://scholars.wlu.ca/cmh/vol9/iss3/5>.

TAYAL, Skand R.; MISHRA, Sandip Kumar. "India and the Republic of Korea: A Growing Strategic Partnership." Indian Foreign Affairs Journal 7.3, p. 321-330, 2012.

THE GUARDIAN. British reaction to outbreak of Korean war: Distant – but still an obligation, 25 julho 2010. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/politics/2010/jun/25/british-reaction-korean-war>. Acesso em: 27 fev. 2023.

VALK, Dionéia Gabrieli *et al.* A Guerra das Coreias. "Conselho De Segurança Das Nações Unidas (1950)." Porto Alegre, V. 5, p. 137, ago. 2017.

VIZENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. A discreta transição da Coreia do Norte: diplomacia de risco e modernização sem reforma. Scielo - Scientific Electronic Library Online, São Paulo, São Paulo, dez. 2014.



WIEST Andrew, MCNAB Chris. A História Da Guerra Do Vietnã. Editora M Books: São Paulo, 2016.

YILMAZ, Oğuzhan. First Indochina War. Academia EDU, p. 1-80.

YOON, Seok Hee. Relations between Japan and Korea. Cunterbury: University of Cunterbury, 2015.

